

ENRIQUE VILA-MATAS

SUICÍDIOS  
EXEMPLARES

*tradução*

MIGUEL CASTRO HENRIQUES

ASSÍRIO & ALVIM

## VIAJAR, PERDER PAÍSES

Há uns anos começaram a surgir uns misteriosos graffiti nas paredes da cidade de Fez, em Marrocos. Descobriu-se que eram traçados por um vagabundo, um camponês emigrado que não tendo conseguido integrar-se na vida urbana para se orientar começara a marcar os itinerários do seu próprio mapa secreto, sobrepondo-os à topografia da cidade moderna que lhe era alheia e hostil.

A minha ideia, ao iniciar este livro contra a vida alheia e hostil, é agir de modo semelhante ao do vagabundo de Fez, ou seja, tentar orientar-me no labirinto do suicídio marcando o itinerário do meu próprio mapa secreto e literário e esperar que este coincida com aquele que tanto atraiu o meu personagem favorito, esse romano do qual Savínio na *Melancolia hermética* nos conta que, a traços largos, a princípio viajava sumido na saudade, mais tarde foi invadido por uma tristeza muito humorística, procurou depois a serenidade helénica e finalmente — «Tentem se puderem, deter um homem que viaje com o suicídio na lapela», dizia Rigaut — deu uma digna morte a si mesmo, e fê-lo de um modo ousado, como protesto por tanta estupidez e na plenitude de uma paixão, pois não desejava diluir-se obscuramente com a passagem dos anos.

«Viajo para conhecer a minha geografia», escreveu um louco, no início do século, nas paredes de um manicómio francês. E isto leva-me a pensar em Pessoa («Viajar, perder países») e a parafraseá-lo: Viajar, perder suicídios; perdê-los todos. Viajar até que se esgotem

no livro as nobres opções de morte que há. E então, quando tudo estiver terminado, deixar que o leitor proceda de forma oposta e simétrica à do vagabundo de Fez e que, com certa loucura cartográfica, aja como Opicinus, um sacerdote italiano dos começos do século XIV, cuja obsessão dominante era interpretar o significado dos mapas geográficos, projetar o seu próprio mundo interior neles — não fazia mais do que desenhar a forma das costas do Mediterrâneo no comprimento e na largura, sobrepondo-lhe às vezes o desenho do mesmo mapa orientado doutra maneira, e nestes traçados geográficos desenhava personagens da sua vida e escrevia as suas opiniões acerca de qualquer tema —, ou seja, deixar que o leitor projete o seu próprio mundo interior sobre o mapa secreto e literário deste itinerário moral que aqui mesmo já nasce suicidado.